

SURYOYE

ܣܘܪܝܝܐ

SÃO PAULO - FEVEREIRO/2016

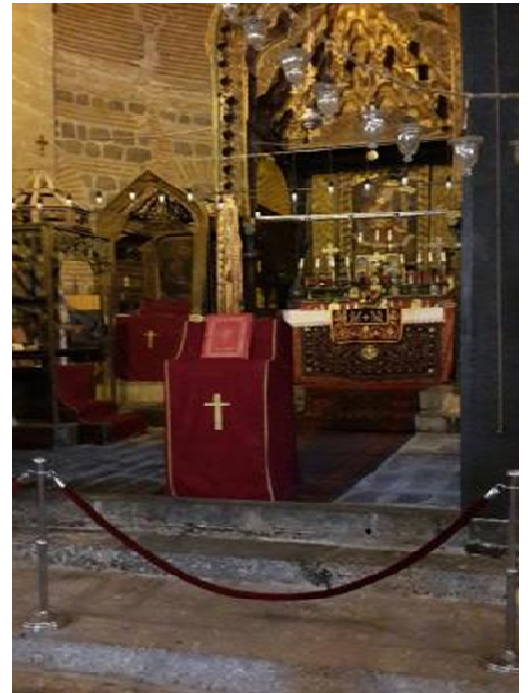
NESTA EDIÇÃO:

ORAÇÃO
INICIAL 1...E SE
PERDEMOS A
FÉ?
IGREJA DE 2FESTIVIDADES
DO 1º
BIMESTRE 3CULTURA
ORIENTAL 4NOSSO
PATRIMÔNIO
CULTURAL E
SOCIAL E SUA 7

RITUALÍSTICA 10

SÁIFO -
O GENOCÍDIO
DOS
SIRÍACOS 13NOTÍCIAS DA
COMUNIDADE 16FESTIVIDADES
DO 2º BIMESTRE 16TEXTOS EM
ARAMAICO 17
a 22

ORAÇÃO INICIAL

**Rejubilai ó Céus, alegra-te ó Terra¹.
Grande Milagre!***(neh̄dun xēmaio uadTudS ara'o. Rav
dumoro)*Rejubilai ó Céus, alegra-te ó Terra.
Grande Milagre!Aqueles que uma vez eram escuridão
Tornaram-se luz através do Senhor Deus,
Aqueles que uma vez não se lhes havia
misericórdiaAgora sobre eles há misericórdia,
Aqueles que se bloqueavam de Deus
Agora são residência do Espírito,
Com eles glorifiquemos a Deus
Que somente ele é bomE somente ele dá misericórdia ao ser
humano!¹⁾ Salmo 96, versículo 11Altar da Igreja da Virgem Maria – Amid
(Deirbakir) – Turquia – século IIIܡܕܢܝܠܐ ܕܡܪܝܡ ܕܡܕܢܝܠܐ ܕܡܕܢܝܠܐ
ܕܡܕܢܝܠܐ ܕܡܕܢܝܠܐ ܕܡܕܢܝܠܐ(Oração do Patriarca Severo [465 – 538 d.C.] por ocasião da Epifânia, in *Patrologia Orientalis* – *Tomus Sextus*. Firmin-Didot et cie Imprimeurs. Paris. 1911.)

IGREJA SIRIACA ORTODOXA

*Suryoye é um órgão de
divulgação interna da
Igreja Siríaca Ortodoxa
de Santa Maria.*Na Igreja Siríaca Ortodoxa de Santa Maria as missas são rezadas em aramaico e português,
aos Domingos às 11h00 na Rua Padre Mussa Tuma, 3, bairro Vila Clementino, São Paulo/
SP.Contatos: igrejasirian@gmail.com , telefone (11) 5581-6250.Layout - Camila Sowmy
Artigos - Peter Sowmy
Revisão - Aniss Sowmy

ESTAMOS NA WEB

WWW.IGREJASIRIANSANTAMARIA.ORG.BR

....e se perdermos a fé?

Por toda nossa vida, épocas há em que nos colocamos a cismar com pensamentos e questões de indecisão intelectual, física e espiritual.

As indecisões intelectuais, assim como as físicas, as ciências (sejam elas humanas, exatas ou biológicas) as podem resolver. Prático esporte postural ou muscular? Ingiro alimentos protéicos animais ou vegetais? Estudo a arquitetura barroca no Brasil? Comparo a arte da música assíria com a invenção da escala cromática? Esses são apenas exemplos de questões físicas e intelectuais que podem causar-nos algum tipo de indecisão, todavia tais indecisões podem ser dissipadas em pouco tempo, através de pesquisas regionais ou remotas, através de leituras em livros especializados ou em consultas a médicos, nutricionistas, treinadores em educação física e outros especialistas nas matérias em pauta.

Ainda, há que se ver que as questões intelectuais, em especial as de artes, apesar de adentrarem a área do intangível, ainda assim, podem ser analisadas, esmiuçadas por especialistas ou “conoisseurs” e explicadas a nós, simples admiradores ou estudiosos.

E quanto à fé, o que é?

Como age sobre nós?

E se a perdemos?

De início, podemos dizer que há diversas definições e explanações para o termo “fé” e é importante que as entendamos; ou melhor, que as apreendamos. Os dicionaristas nos explicam que:

- *fé é a adesão absoluta do espírito àquilo que se considera verdadeiro;*

ou, para ficarmos no campo da religião:

- *fé é o sentimento de quem acredita ou tem esperança em algo;*

sem ainda desconsiderarmos que usamos o temo

- *fé, como sinônimo de religião e culto.*

Para nós cristãos, vale o que o apóstolo do cristianismo, São Paulo, há quase dois mil anos, em sua carta aos hebreus, define claramente:

“fé é a convicção das coisas que se esperam e a revelação das coisas que se não vêem”

(in: Carta aos hebreus – capítulo 11; tradução

livre da versão Pexita do aramaico).

Porque sabemos que a riqueza da palavra, do significante, é o conjunto dos significados que comporta; temos que a fé deve considerar o que o apóstolo São Paulo nos revela com o que os dicionaristas, leigos ou religiosos, informam-nos; assim, nossa fé passa por acreditarmos que nosso culto, nosso ritual, põe de maneira desvelada aquilo que o espírito já nos revelara.

E se perdermos a fé? E se não mais acreditarmos em nosso culto, que nos resta então?

Nosso culto, nossos rituais, aqueles da Igreja de Antioquia, em verdade, não foram criados “da noite para o dia”, evoluíram com a nossa evolução, com o evoluir humano e através de sua poesia, de sua música, de seus paramentos, enfim, de sua mística e deixam-nos claro que há de vir o tempo em que as coisas que não vemos, realmente existem; que a vida, não nesta terra material, mas no campo incorruptível do espírito, *sim existe!* Não acaba tudo na morte, continua na vida futura!

Temos em conta que nossos pais espirituais apreenderam os rituais de seus antepassados, desde o início da humanidade e os fizeram evoluir, desenvolvendo-os para que acompanhassem todos os momentos da vida do ser humano, desde quando sua mãe o concebesse até após sua morte. Assim também o são os rituais para todos os momentos da vida de Nosso Salvador, Jesus Cristo, desde Sua concepção até Sua morte e Ressurreição gloriosa e todos os demais rituais que comemoram Seus santos.

Em assim sendo, se perdermos a fé em nosso culto, esse, não passará de um simples êmulo, de uma imitação sem nexos que somente servirá para nos entreter; passaria a ser um simples entretenimento; sim, pode até ser um entretenimento intelectual, porém, ainda assim seria tão somente uma imitação sem significado algum para nosso espírito e com isso, a morte do corpo seria o fim, todavia São Paulo nos ensina que:

“porque assim como todos os seres humanos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo”

(in: 1ª Carta aos coríntios – capítulo 15; tradução livre da versão Pexita do aramaico)

Desta maneira, nosso culto nos faz lembrar, através

(continuação: ...e se perdemos a fé?)

de todo ele, que podemos e devemos esperar a vida futura; nosso culto, sem que se lhe acrescente ou retire qualquer parte, porque sua poesia, música, movimentos, sua mística, todo ele é uno e se completa e leva-nos a essa convicção; à conclusão de que a vida continua num outro plano

onde não mais morreremos corrompidos mas viveremos incorruptíveis.

"fé", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,

<http://www.priberam.pt/dlpo/f%C3%A9> [consultado em 9 de dezembro de 2015].

Palavras da Bíblia

E disse o Senhor Deus a Jonas: Tiveste muita ira por causa da aboboreira? E disse Jonas: tive muita ira, até a morte. Disse-lhe o Senhor Deus: Tiveste compaixão da aboboreira, pela qual não trabalhaste e nem a fizeste crescer, que numa mesma noite nasceu e cresceu e nessa mesma noite secou; pois não deveria Eu ter compaixão de Nínive, a grande cidade, a qual possui mais de cento e vinte mil pessoas que não sabem discernir entre a sua mão direita e a sua mão esquerda e também há muitos animais?

Livro da Profecia de Jonas - capítulo 4

Festividades do 1º Bimestre

Destacamos a seguir algumas festividades religiosas que marcam o cristianismo sendo que algumas, a nossa Igreja Siríaca de Antioquia lhas dá ênfase maior que as co-irmãs Igrejas do Ocidente (como a Romana Católica e a Grego Bizantina). Em geral, acompanham-nos nessa ênfase a Igreja Copta (Egito), a Igreja Abexim (Etiópia) e a Igreja Armênia pois, a Igreja Copta e a Siríaca sempre compartilharam os mesmos princípios e dogmas; já a Igreja Abexim é fruto da pregação Copta e a Igreja Armênia, o é da Igreja Siríaca.

Em nosso Calendário, tivemos os seguintes eventos que se destacaram:

- Circuncisão de Jesus:- expressa o nascimento de origem judia de Jesus.
- Epifânia:- ocorre durante o batismo de Jesus. Epifânia é palavra de origem grega (em aramaico diz-se **denêho**) e significa aparição ou manifestação. Durante o batismo de Jesus, há um momento único em que toda a Santa Trindade se manifesta: **Jesus** sendo batizado por João Batista, nas águas do rio Jordão, o **Es-pírito Santo** aparece nos céus sobre Jesus em forma de pomba e finalmente, a voz de **Deus** que exclama: *esse é meu Filho Querido, nEle me comprazo.*
- Festa de Nossa Senhora sobre a sementeira
- Apresentação de Jesus ao templo
- Jejum de Nínive
- Sacerdotes Finados

Cada uma dessas festividades possui seus cânticos e orações especiais que compõem com outras atitudes toda uma ritualística que deve ser executada na igreja.

CULTURA ORIENTAL –

A fim de *descansarmos* um pouco dos temas que viemos desenvolvendo no ano passado, retornemos a um tema mais ameno da cultura oriental, qual seja, o da culinária. Já abordamos esse tema em outros números de **Suryoye** de 2013 e 2014, com alimentos como “pasta” (macarrão), “pizza”, “tabule” e outros; vamos neste número, pesquisar o “quibe”.

Novamente, o “quibe” é tido como um prato típico “árabe”; todavia...

... donde provém esse prato? Seria da Arábia, da Península Arábica?

Respondendo a algumas questões, como: “donde provem esse nome?”, “como é feito o quibe à moda antiga?” poderemos traçar a origem desse prato típico da cultura oriental.

Tomemos um ponto de partida popular no ocidente; comecemos falando sobre a possibilidade de uma origem etimológica e física de ser árabe. Em árabe, existe um verbo (kbt que se diz “kabata”) que significa “derrubar, suprimir, reprimir”; com certeza, não é este o significado de “quibe”. Já no idioma árabe usado no Egito e norte da África (onde se fala o árabe no continente Africano), esse termo (kubbah) significa um “nódulo na axila”. Também não é esse o significado de “quibe”. Esses significados todos, estamos olhando-os no dicionário de Hans Wehr, em sua 3ª edição traduzida ao inglês. Observemos que alguns dicionaristas europeus como Joseph Catafago, nem se quer registravam esse termo em 1858 e consideremos ainda que Catafago vivera por muitos anos em Alepo, Beirute e outras cidades da Síria e Líbano.

Finalmente, numa região muito específica, o povo dessa região onde viveu Catafago utiliza o radical “kbh” (kubah) que alguns dicionaristas modernos do idioma árabe, propõem que signifique “almôndega de trigo com carne, cebola etc dentro dela” e esse significado era utilizado somente na Síria e Iraque (Mesopotâmia e arredores), porém não na Península Arábica e Golfo (atualmente: Árabia Saudita, Emiratos Árabes, Iemen, Dubai etc).

No idioma árabe, esse termo “kibe” (ou kubbah), como prato da culinária, não existe. Se existir, ele foi importado e, talvez, a palavra, o nome do prato somente fora importado porque o prato “quibe” também o fora.

Muitas vezes, outros idiomas, utilizados por povos vizinhos ou invasores podem jogar nova luz sobre as origens das palavras e dos próprios “pratos”. Os vizinhos persas chamam o quibe por *kofteh*, os gregos da ilha de Chipre, chamam-no de *koupa* e os turcos que são invasores no Oriente Médio e Próximo, conhecem-no por dois nomes: *içli köfte* (pronúncia aproximada: it-cheli kefte) e também *bulgur köftesi*.

Lembremos também que a letra “f” e a letra “p” intercambiam-se em diversas línguas, em especial nas semitas, assim é em aramaico e hebraico. Em árabe, não existe “p” e essa letra é substituída por “b”, principalmente em palavras de origem estrangeira; por exemplo, o nome **Paulo** que é grego; em aramaico, transforma-se em **Paulos** e dependendo da letra que o antecede, transforma-se em: **Faulos** (por exemplo: “livro de Paulo” = “*kêthovo dêfaulos*”); no caso do idioma árabe, como não existe “p” ele é trocado por “b”; assim, Paulo (**Paulos** – em aramaico) transforma-se em **Bulos** (os orientalistas europeus escrevem Boulos).

Voltemos ao nosso caso, o quibe. Os gregos chamam-no de “**koupa**”, os turcos de “**içli köfte**” e os persas de “**kofteh**”. Os árabes, como não possuem a letra “p” usam a letra “b” e não dizem “**kupe**”, porém, “**kube**”, daí, “**ki-be**” (quibe).

Outro elemento “invasor” no Oriente foi o inglês, isso, após a 1ª Guerra Mundial. Os ingleses ficaram estacionados na Palestina, Jordânia, Iraque, Egito e Península Arábica, por três décadas ou mais. Em inglês, eles chamavam o quibe por “*syrian torpedo*”; ou seja, eles reconheciam que era de origem síria e não árabe: não diziam “arabian torpedo” (=torpedo árabe), além disso o quibe que conheciam possuía o formato de um torpedo. Abrindo parênteses, os assírios que vieram ao Brasil, como Ibrahim G. Sowmy, Issa Shammash, Hanna S. Jabra, Elias (Quasho) Khouri, Elias Malke, seus irmãos e muitos outros, chamavam o quibe de “*farqa’ato suryoyto*” (= bomba assíria) e havia um segundo nome que era “*dauqo da suryoye*” (= disco dos assírios), isso em aramaico popular conhecido como **Turoyo**. Aqui vemos que o termo inglês era a tradução do aramaico popular (“*farqa’ato suryoyto*” bomba assíria x “*syrian torpedo*”). Esse nome provém

CULTURA ORIENTAL

do formato oblongo mais conhecido do quibe que é praticamente o de um torpedo e tal formato provém da maneira como se produz esse quibe. Grosso modo, toma-se uma porção de massa de trigo, com as palmas das mãos, faz-se um bólido em forma redonda que depois é aberto numa das pontas e por essa abertura, enche-se o interior desse bólido com o recheio (em geral de carne cortada em tiras finas e depois recortadas transversalmente, misturada com cebola picada e temperos como sal, pimenta moída, salsinha - hoje é mais prático moer-se a carne) e finalmente, esse bólido é novamente fechado na ponta que estava aberta, em seguida é acertado o formato oblongo (daí o formato de bomba / torpedo).

Um segundo formato é o de disco. Toma-se a porção de massa de trigo, abre-se com as palmas das mãos até que fique como um disco com altura menor que um centímetro, faz-se outro disco idêntico, coloca-se o recheio num dos discos e depois cobre-se com o outro disco, em seguida fecham-se as bordas comprimindo a borda do disco de cima contra a borda do disco de baixo. Daí, o nome de “*dauqo da suryoye*” (= disco dos assírios).

O último passo é o cozimento em água e sal e depois com coalhada quente como nas montanhas de Tur Abdin ou é frito em azeite, como em todo o resto do oriente e como é conhecido no Brasil (frito em óleo), trazido pelos imigrantes sírios e libaneses que aqui aportaram há mais de 120 anos.

Falta fazermos menção à massa do quibe. Para dar “liga” na massa, isto é, para que a massa não se desfizesse, era necessário um outro elemento pois a massa só de trigo é quebradiça. A liga era dada de duas maneiras. A primeira era através do uso da semolina que era misturada com o trigo. A segunda era através da carne. Desde a antiguidade, a carne era de ovelha (no Oriente não havia criação de gado, somente de ovelhas e cabras). Cortavam-se bifes muito delgados de carne e esses bifes eram batidos com martelos feitos de madeira (ferro fundido ou metal não servia, segundo as cozinheiras orientais, martelar com metal acaba ressecando a carne) até que esses bifes se transformassem em pasta, essa pasta era misturada com o trigo e tinha-se então a massa externa do quibe. Essa massa era maleável como se fosse feita com carne moída (a primeira máquina de moer carne manual aparece por volta de 1800, na Alemanha, quando o quibe já existia havia milênios).

Qualquer um dos formatos é obtido com o auxílio da palma da mão. No idioma árabe, a palma da mão é “*kaʔ*” que apesar de ser palavra do gênero feminino, possui forma masculina (não possui o “*ha*” ou “*ta*” final, indicativo de feminino) enquanto que “*kibah*” é feminino e possui o indicativo feminino (“*ha*” ou “*ta*” final) e todos os termos em outras línguas vizinhas possuem esse “*ta*”; além disso, todas essas línguas (grego, turco e persa) têm “*p*” ou sua variante “*f*” em vez de “*b*” (*koupa*, *kofteh* e *köfte*); ora, a palma da mão, em aramaico se escreve “*kapto*” e se pronuncia “*kafto*”. Observemos que a palavra é feminina e possui o indicativo feminino “*to*” (na pronúncia do aramaico oriental, a vogal “*o*” é trocada por “*a*” e a indicação do feminino é “*ta*” e a palma da mão “*kafto*” é pronunciada “*kafta*”).

Antes de inferirmos algo sobre a origem, vale a pena olharmos o nome do “quibe” no idioma turco: *içli köfte* e *bulgur köftesi*. A expressão: *içli köfte*, ao pé da letra, significaria “*cáfta delicada*” (*almôndega delicada*) ou sob influência do aramaico, significaria “*palma da mão delicada*” e perguntamos: não é preciso ter as mãos sensíveis para se fazer quibe? A resposta é “sim”, caso contrário, essa *almôndega*, essa *cáfta de trigo* (ou quibe), tratada com mãos grosseiras e duras irá romper e o seu recheio vazará pela panela. Já para a expressão *bulgur köftesi*, é preciso encontrar sua origem antes de se chegar ao significado final. Na região da Mesopotâmia (Síria, Iraque, Sudeste da Turquia), todos que falam o árabe popular dessa região¹, chamam o trigo de “*bulghur*” e a farinha de trigo de “*qamēh bulghur*”; colocamos isso ao leitor porque “trigo” em árabe clássico é “*qamēh*” e farinha é “*daqiq*” (farinha de trigo, em árabe seria: “*daqiq ul-qamēh*”). Assim, *bulgur köftesi* significa *cáftas de trigo* ou *almôndegas de trigo* e podemos concluir que *bulgur köftesi* em verdade, não tem sua origem no árabe. Já vimos também que *kafta* é aramaico e como na Mesopotâmia, até o tempo da tomada de Constantinopla pelos turcos (século XV) falava-se aramaico e, em regiões da Mesopotâmia Setentrional se fala aramaico até nossos dias, vemos que a expressão *bulgur köftesi* tem sua origem na Mesopotâmia e não na Península Arábica. Como o nome do alimento é dado na origem do alimento, podemos concluir que o *quibe* tem sua origem na Mesopotâmia e o nome provém

CULTURA ORIENTAL -

da língua falada na Mesopotâmia; ou seja o aramaico, assim podemos concluir que o prato conhecido por quibe, com todas suas variações (frito, cru, cozido em água e sal, ensopado na coalhada, em forma de “torpedo”, de disco etc), não foi importado dos turcos, persas, gregos, árabes ou de outros povos, o quibe tem sua origem na Mesopotâmia por um povo que fala aramaico.

Quanto ao quibe em forma de disco (*dauqo da suryoye*), em Tur Abdin, tal como a esfiha lá, ele possui dois tamanhos, um menor com diâmetro aproximado de 10 centímetros e que é utilizado nos ensopados com coalhada quente e outro maior, com diâmetro aproximado de 30 centímetros que é cozido em água e sal.

Observação:

¹ esse idioma árabe é um dialeto que possui gramática e etimologia um tanto diferente do árabe clássico e muito influenciado pelo aramaico; trata-se do árabe de Mardin e cercanias que foi levado pelos mardinenses, para Alepo e toda aquela região na Síria, por volta de 1100 d.C.; é com ele que os assírios de Tur Abdin se comunicavam com tribos árabes nômades ou com o governo dos árabes quando desciam das montanhas, até o século XX.

Nota do Autor

Esse texto somente foi possível graças à valiosa contribuição da Sra. Marie Rose Setrak Sowmy sobre a confecção da massa do quibe e a forma de conseguir a pasta de carne. A informação tem por base os ensinamentos que lhe foram passadas por sua mãe Attie Setrak e sua irmã Bahige Setrak.

Para Saber Mais:

- **Wehr, Hans.** A dictionary of modern written Arabic. (Edited by J.M.Cowan). Spoken Language Services. New York. 1976.
- **Catafago, Joseph - of Aleppo in Syria.** An English and Arabic Dictionary. Bernard Quaritch. London. 1858.

*Comemoração dos 35 anos da consagração
da Igreja Santa Maria.*

Venham à Festividade!

ܡܠܟܐ ܕܡܪܝܢܐ ܕܡܪܝܢܐ ܕܡܪܝܢܐ
ܕܡܪܝܢܐ ܕܡܪܝܢܐ ܕܡܪܝܢܐ
ܕܡܪܝܢܐ ܕܡܪܝܢܐ ܕܡܪܝܢܐ
ܕܡܪܝܢܐ ܕܡܪܝܢܐ ܕܡܪܝܢܐ

NOSSO PATRIMÔNIO SOCIAL E CULTURAL E SUA GESTÃO

Uma das formas de preservarmos nosso Patrimônio é fazer um inventário do que existe. Quando estamos falando de patrimônio material, mesmo sendo o cultural, estamos nos referindo a algo corriqueiro e de fácil entendimento. No meio empresarial, o diretor financeiro aponta um funcionário que fará o levantamento de tudo que for tangível, em geral, antes do final do ano, e esse funcionário apresentará um relatório de tudo que existe fisicamente na empresa e suas filiais e que a ela pertence. Vezes há em que existem materiais em demonstrações ou em comodato noutros locais e esses também devem entrar no rol de pertences da empresa. Em seguida, colocam-se os valores previamente definidos a todos esses materiais e a empresa pode saber qual o seu patrimônio.

Quando se trata de sociedade religiosa e cultural, o patrimônio é de difícil dimensionamento pois, quem estaria apto a dimensionar tal patrimônio? Observemos que há valores tangíveis e intangíveis. Tomemos como exemplo prático nossa Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria. Hoje, ela possui livros físicos em quantidade, superior a 300 unidades, alguns deles são manuscritos com mais de 60 anos, escritos em Tur Abdin (Turquia) outros foram impressos na Turquia, Síria, Líbano, Europa, contudo, a maioria é de edições esgotadas há décadas. Há também algo como 500 números de revistas bilíngües, trilingües e até quadrilíngües, também emitidas em vários países. Toda essa coleção foi doação de somente duas pessoas, Sra. Farida Assad Maqdasi Elias (1923), viúva do professor “malfono” Denho “Ghatass” Maqdasi Elias (1911-2011) e Sra. Kudsia M.Haddad Sowmy (1925-2012), viúva do professor “malfono” Abrohom G. Sowmy (1913-1996). As línguas dos livros são basicamente o aramaico, árabe, inglês e francês; as revistas também estão nesses idiomas porém, acrescente-lhes os idiomas sueco e holandês. Todos esses livros e revistas referem-se à nossa cultura milenar, nossa língua sacra, nossas músicas sacras, rituais etc. Qual o valor que se lhes deve atribuir? É tangível? Hoje, esses livros e revistas estão guardados em caixas de papelão que estão armazenadas de forma inadequada, sem manutenção ou cuidado e se assim continuar, logo sofrerão a erosão do tempo e de insetos e bactérias. Se a comunidade composta pelos fiéis da Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria não se movimentar rapidamente, em breve não existirá mais esse patrimônio.

Verdade seja dita, houve interesse por parte de uma sociedade assíria na Suécia que através de um membro seu, Sr. Hanibal Romanos, veio ao Brasil e fotografou parte dos livros que nunca existiram na Europa ou que não possuem exemplares na Suécia, Alemanha ou Holanda. Foram 1.500 fotografias gravadas em arquivos eletrônicos. Como continuidade ao trabalho, solicitou verbalmente que a Igreja Santa Maria lhe enviasse primeiramente uma lista de todos os livros e revistas e posteriormente, uma súmula de cada livro. Naquela época (agosto de 2015), o Diretor Cultural da Igreja informou-lhe que não havia pessoas disponíveis para trabalho dessa envergadura e à medida que isso fosse feito, essas solicitações seriam atendidas. Até o momento, nada foi feito pois esse trabalho depende de recursos financeiros e trabalho de voluntários que conheçam essas línguas bem como trabalhos de biblioteconomia.

O que dizer então do conhecimento dos fiéis da Igreja? Será que é tangível o conhecimento musical que apresentam nas missas e cerimônias? Esse é o pior dos casos pois essa cultura musical que aparenta estar distribuída pelos cantores do coral e diáconos pode não ser mais que simples quimera. Se esse conhecimento musical não for passado para a geração seguinte, com certeza perecerá com os cantores e diáconos. Nesse caso, há diversas maneiras de preservação do valor desse patrimônio; o primeiro seria passar o conhecimento musical para um pessoal mais jovem pois, em tese, esse pessoal mais jovem guardaria em sua memória depois que a geração que o conhece atualmente, passar. A segunda forma seria colocar esse conhecimento em notação escrita convencional, no caso, notação musical ocidental. Para tanto, faz-se necessário um conjunto de professores de música. Finalmente, deve tudo ser gravado com equipamento eletrônico e preservado em arquivos eletrônicos.

Sobre esse patrimônio musical, podemos dizer que parte foi feita. Professor “malfono” Abrohom Gabriel Sowmy, entre 1960 e 1968, gravou em fitas magnéticas aproximadamente 800 hinos que seu filho, Bassim, passou para notação musical ocidental e metade foi impressa em 2 (dois) volumes (1989 e 1990) que se encontram à disposição em nossa página na internet:-

www.igrejasiriansantamaria.org.br/partituras/marduthodsuryoyevolx.pdf

NOSSO PATRIMÔNIO SOCIAL E CULTURAL E SUA GESTÃO-

e

www.igrejasiriansantamaria.org.br/partituras/marduthodsuryoyevolxi.pdf .

Um terceiro volume está sendo preparado para ser também inserido em nosso endereço cultural da internet. Além disso, a Diretoria Cultural está se esforçando por converter as fitas magnéticas em arquivos eletrônicos e colocá-los à disposição dos interessados em nossa página cultural, na internet. Já se encontram inseridos em nossa página, 21 hinos dos primeiros séculos do cristianismo, em arquivos MP3. O endereço é:

www.igrejasiriansantamaria.org.br/musicadosecv.htm .

Observemos ainda que todo esse trabalho de preservação do patrimônio cultural aqui em São Paulo, em prol da comunidade siríaca (sirian) foi sempre voluntário, tanto por parte dos professores “malfono” Denho M. Elias e “malfono” Abrohom G. Sowmy, como das respectivas viúvas e da Diretoria Cultural. Sempre foi às próprias expensas. A comunidade de fiéis como a Igreja Santa Maria, nada gastaram. Chamamos à atenção esse fato pois outras comunidades religiosas como a Judaica ou a da Igreja Católica Apostólica Romana dependem uma parte de suas receitas para realizar esses trabalhos; assim, vemos a biblioteca do Mosteiro de São Bento em São Paulo, por exemplo, com um patrimônio de livros seculares e modernos preservados, parcialmente por verbas de receita e parcialmente por trabalho dos próprios monges que habitam o mosteiro.

Devemos ter em mente que é da receita da Igreja que existe ou não a possibilidade de se manter um patrimônio. Essa receita, diferentemente da receita de uma empresa comercial, advém, principalmente, de contribuições financeiras dos interessados diretamente em manter tal patrimônio ou mais remotamente, de outras entidades e instituições que vêem valor em manter esse patrimônio.

Um outro aspecto advindo do inventário do patrimônio cultural é que as pessoas que formam a comunidade costumam doar seus livros e documentos à instituição, tanto em vida quanto em herança póstuma, quando sabem que existe uma instituição que cuida desse patrimônio. Para que isso aconteça, é necessário que o futuro doador informe quais livros, revistas, documentos, fitas magnéticas ou outra mídia doará e com isso, ampliar-se-á o patrimônio deixado às gerações futuras .

Dentro desse espírito, neste número, estamos colocando em nosso informe **Suryoye** algumas fotos de um manuscrito propriedade do Diácono Evangelista Aniss Sowmy. Trata-se de um livro manuscrito, em 1952, que lhe fora deixado em herança por seu pai, “malfono” Abrohom G. Sowmy, que contém algumas cerimônias da ritualística da Igreja de Antioquia. Esse manuscrito foi copiado de outro, em Tur Abdin, na cidade de Habsanus, na Igreja de São Simão das Oliveiras (o governo turco trocou o nome da cidade para que os assírios adeptos da Igreja Siríaca de Antioquia esqueçam suas origens). Os idiomas utilizados são o aramaico e o árabe porém o árabe vem escrito com letras de aramaico (visto que os assírios de Tur Abdin não liam as letras árabes); essa forma de escrever todos os outros idiomas com as letras de aramaico chamava-se “garxúni” em aramaico e significa “que é de fora e pertence ao rei” (“**gerax**”, em assírio significa: *estrangeiro, de fora*; “**un**” é uma palavra suméria que entrou no assírio e significa: *rei, líder* e a letra final “**i**” dá o sentido de *propriedade, de pertencer a alguém*).

Esse livro é conhecido como “**kêthovo dama’ad’edono**” ou seja “livro da comemoração”. Existem diversos livros “**ma’ad’edono**” que diferem totalmente entre si pois há diversas festividades religiosas com cerimônias especiais durante o ano; esse é um deles.

A seguir colocamos uma foto da primeira página onde o compilador, em geral o primeiro deles sempre inicia por: “*em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, um Só Deus Verdadeiro. Iniciamos a escrever o Livro da Comemoração das Festividades Senhorais de Cristo Nosso Deus*” (em aramaico).

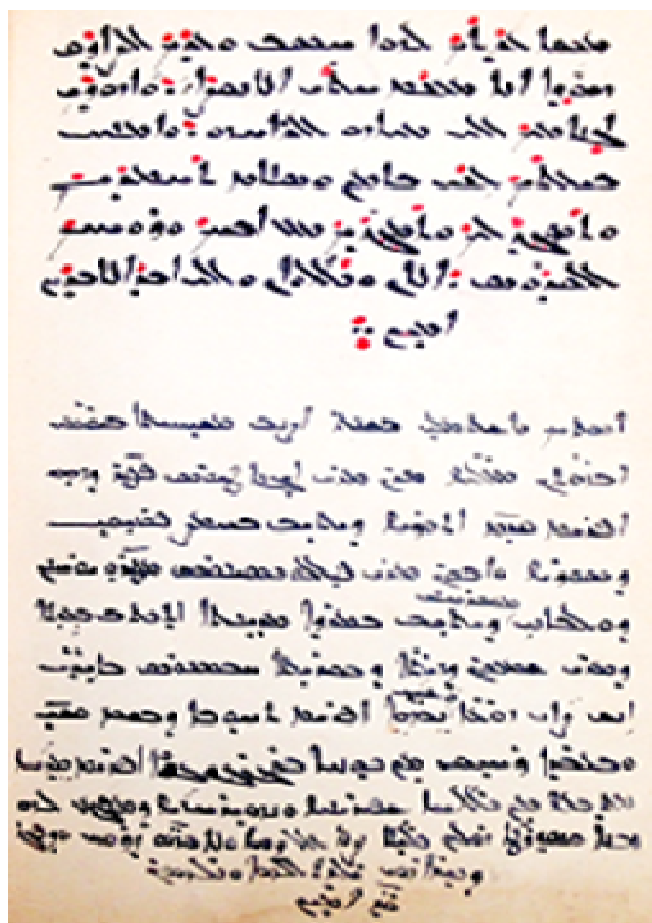
Excepcionalmente, esse como noutros tantos manuscritos do professor “malfono” Abrohom G. Sowmy, na vertical, encontra-se uma declaração do Patriarca Ya’qūb III, datada de 20 de abril de 1958, quando ele visitou “malfono” Abrohom G. Sowmy, em São Paulo — Brasil.

Ao final, vem a declaração do último copista informando local, data e nome de quem copiou, sob a jurisdição eclesástica de qual bispo ou arcebispo ou “maferiono” e suplicando que todo aquele que visse o livro , fizesse uma oração pela alma dele, do copista pecador etc (v. **Suryoye** nr. 55, páginas 4 e 5).

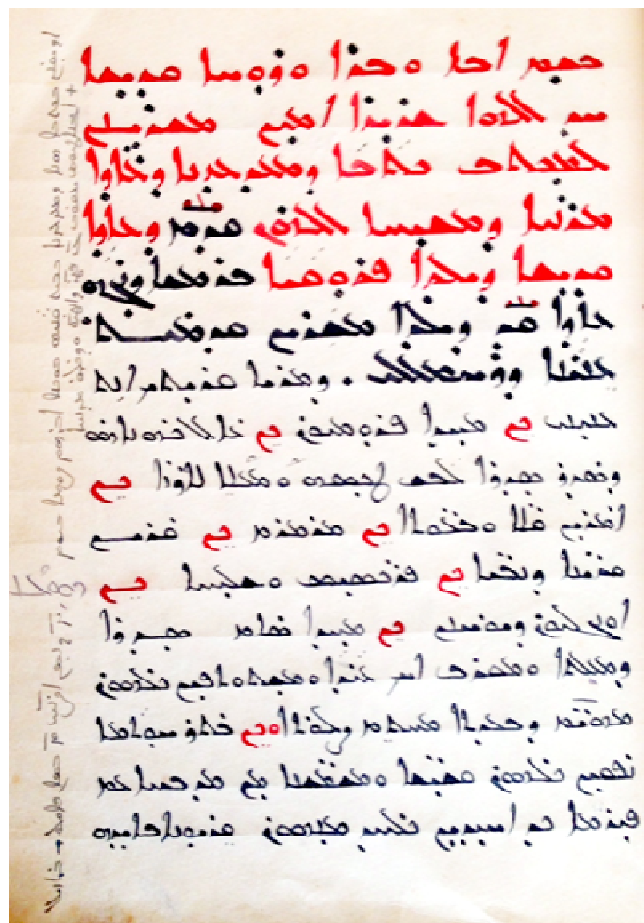
NOSSO PATRIMÔNIO SOCIAL E CULTURAL E SUA GESTÃO.

(continuação)

A seguir encontram-se as duas fotos.



Última página



Primeira página

Algumas observações sobre o autor:- na última página, o copista coloca a qualificação do patriarca como se fazia em Tur Abdin (montanhas no sudeste da Turquia) até o tempo do Sáifo (1.915-1.918), ou seja: “Patriarca Ignátios Afrem I, o Assírio, sediado na fenícia Homs da Síria”.

Nessa época, Patriarca Afrem I já havia decretado que o Patriarca era de toda a Igreja Siríaca Ortodoxa de Antioquia (o nome oficial deveria ser Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia e de todo o Oriente) e não somente dos assírios; além disso, a cidade de Homs pertencia à República da Síria e não mais se utilizaria o gentílico “fenício / fenícia” pois a antiga Fenícia era ocupada por toda a República do Líbano e pela parte Oeste da República da Síria e ela, a Fenícia, já não existia mais. Ocorre que o padre que copiou esse livro estava em Tur Abdin, na Turquia e os cristãos de Tur Abdin não podiam se comunicar, desde 1930 com o resto do mundo, exceto se migrassem de lá e por isso, ao copista, todas essas informações não haviam chegado. Em 1955, houve uma repressão contra os assírios de Tur Abdin por parte do governo turco e uma porção deles migrou para Istanbul (Constantinopla) e de lá para outros países e foi então que tomaram conhecimento das mudanças e as oficializaram em seus livros (copiados ainda manualmente).

RITUALÍSTICA

Como é do conhecimento de muitos na nossa comunidade da Igreja Santa Maria, Bispo Mouris Amsih visitou-nos e permaneceu durante 52 dias conosco. Ele chegou ao Brasil em 5 de dezembro de 2015 e deixou São Paulo em 26 de janeiro de 2016.

Durante sua visita, realizou, todos os domingos, missa na Igreja Santa Maria, inclusive a de Natal, em 25 de dezembro de 2015 e da Epifânia (batismo de Cristo) em 10 de janeiro de 2016. Somente ficou ausente entre 2 e 5 de janeiro quando realizou uma missa especial na Catedral de São Jorge, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul e visitou a comunidade da Igreja de São Pedro, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Durante todo esse tempo, tivemos a oportunidade de presenciar diversas partes de nossa ritualística de missa e festividades que somente ocorrem quando há um prelado da hierarquia de bispo ou superior.

Vamos fazer um comparativo de forma resumida entre os adereços e paramentos de um bispo, maferiono e patriarca com os de um padre. Também vamos tocar nalguns pontos de tratamento pelos diáconos e padres em relação ao bispo ou maferiono e patriarca. Vale reiterar que o Diácono Aniss Sowmy, em e-mails aos diáconos já dera essa orientação, quanto ao tratamento.

I. Tratamento:-

1. Bispo – ao bispo, em aramaico, chamamos de *hássio* que significa: “puro, venerável”. O Bispo deverá ser um sacerdote que optou pelo celibato. Ao cumprimentarmos Bispo ou Episcopo dizemos: *barekh mor kohno me’alio* ou seja: “abençoa ó senhor sacerdote superior” ou ainda “abençoa ó senhor sacerdote excelente”.
2. Episcopo – ao episcopo, em aramaico, chamamos de *khurefesqũfo*, termo importado do grego e que significa: episcopo da cúria ou seja, chefe da cúria ou ainda supervisor da cúria, lembrando que cúria é o conjunto de todos os padres de uma paróquia. Nesse caso, o tratamento é o mesmo do bispo, conforme acima. Lembremos ainda que o episcopo ou *khurefesqũfo* é um padre que optou por se casar antes de ser ordenado sacerdote e o limite da hierarquia que pode alcançar é o de *khurefesqũfo*.
3. Arcebispo – em aramaico chama-se *metropolitano*. Sob sua liderança encontram-se outros Bispos e Episcopos da região ou estado. O cumprimento é o mesmo do Bispo.
4. Maferiono – para o entendimento aqui no Brasil, seria comparável ao Cardeal-Arcebispo do país. O significado do termo maferiono é “o que produz” ou “o que dá frutos”; esses “produtos / frutos” são os sacerdotes, em outros termos, ele orienta e instrui os sacerdotes, desde os padres noviços até os bispos e episcopos bem como os diáconos e se necessário for, até o povo fiel como um todo. Em princípio, ele tem o mesmo status do patriarca e no cumprimento dizemos: *barekh mor kumro me’alio* que significa: “abençoa ó senhor sumo pontífice”.
5. Patriarca – esse é o superior de todos os sacerdotes dentro da hierarquia eclesiástica. O significado da palavra patriarca, em aramaico dizemos: *paTeriarkho*, é “líder dos padres”. Essa palavra é de origem grega; em aramaico é normal usar “*abo dabohotho*” ou seja: “pai de todos os padres”. O tratamento é o mesmo do *Maferiono*: *barekh mor kumro me’alio*.

Na parte de tratamento, falta ainda o detalhe da postura. Em princípio, um padre sacerdote (*qaxixo* ou *dayroyo*), ao lhe ser solicitada a benção, ele estende a mão direita aberta com a palma virada para baixo e o fiel deverá encostar a palma de sua mão na palma do padre, beijar o dorso da mão do padre e em seguida, fazer o sinal da cruz. Esse beijo deverá ser um beijo rápido, com os lábios quase cerrados.

No caso de bispo, arcebispo, maferiono e patriarca, o prelado oferece a cruz para que seja beijada pelo fiel. Aqui também, o beijo deverá ser rápido e com os lábios quase cerrados. Em seguida, encosta a ponta dos dedos da mão direita na cruz e se benze com o sinal da cruz.

Para “fazerem sala” ao sacerdote, os fiéis devem evitar o uso de indumentária curta (bermuda, saia curta), indumentária apertada no corpo ou decotes longos, sejam frontais ou traseiros e de preferência devem usar

RITUALÍSTICA

(continuação)

camisas ou camisetas com mangas curtas ou longas porém, evitar qualquer indumentária sem mangas.

Finalmente, devem evitar cruzar as pernas ao se sentarem.

Antes de olharmos os paramentos dos sacerdotes, vejamos rapidamente as diferenças dos seus aderêços.

II. Aderêços

1. Padre – o padre, casado (*qaxixo*) ou celibatário (*dayroyo*), não carrega qualquer aderêço. Às vezes, em regiões onde não haja ainda um bispo como supervisor, o padre celibatário pode receber uma cruz especial do Patriarca, para indicar que ele é o orientador local.
2. Bispo – o bispo, utiliza um cetro, com aproximadamente 1,20 m de altura e 3 a 4 cm de diâmetro com ponteiros metálicos, para indicar sua autoridade eclesiástica. Ele o usa somente quando não está oficiando missa ou algum ritual sacro. Esse cetro se chama, em aramaico, *seTro*, uma palavra grega que significa “bastão” ou “cetro”. Durante a missa ou outro ritual sacro, ele carrega uma cruz pequena, metálica (geralmente é folheada a ouro) com aproximadamente 15 a 20 cm de comprimento com um véu comprido, atado na ponta inferior, com cruzes bordadas nele; em aramaico, esse véu se chama *mêqablonitho* e significa “a que é aceita” ou ainda “a que é frontal”. Com essa cruz, na mão direita, ele abençoa o povo durante a missa ou rituais. Na mão esquerda ele usa, durante as bênçãos, um cajado metálico (geralmente de bronze) com aproximadamente 1,80 m de altura e termina em uma cruz, acima dessa altura, na extremidade superior. Iniciando na parte inferior da cruz, encontram-se duas serpentes, entrelaçadas e cada uma olhando para a cruz. Esse cajado é chamado *morunitho*, que em aramaico significa “do Senhor”. Além disso, ele usa no peito um medalhão com a efígie da Virgem Maria, mãe de Deus e uma cruz metálica (folhada a ouro) que o Patriarca lhe presenteia quando é erigido à hierarquia do bispado.
3. Maferiorno – utiliza os mesmos aderêços do bispo.
4. Patriarca – além dos mesmos adereços do bispo, utiliza um escudo amarrado ao cinturão. Esse escudo se chama, em aramaico, *sakro* ou *tursoio*. É constituído, em verdade, por dois tablets de tecido costurados um contra o outro e emoldurados por um bordado. Esses tablets são em forma de quadrado com aproximadamente 25 cm de lado e numa das pontas se lhes costura a ponta de um cinturão; já a outra ponta desse cinturão é amarrada no cinturão principal da vestimenta do prelado. Antigamente, esse escudo era metálico, hoje, por ser confeccionado em tecido, há quem considere esse escudo, *sakro*, como parte dos paramentos do patriarca.

Simbologia dos adereços-

Os adereços carregam em si uma simbologia ligada à espiritualidade da Igreja e também à hierarquia da Igreja.

Em outros números de **Suryoye** foram descritos alguns desses adereços e suas simbologias. Eis os números:

1. Cruz: O Símbolo do Cristianismo (o que significa e como fazer o “sinal da cruz” na Igreja de Antioquia – in **Suryoye** nr. 27 <http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/jornalsuryoye/suryoye27.pdf>
2. Efígies (ou ícones que os prelados carregam sobre o peito) – in **Suryoye** nr. 28 <http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/jornalsuryoye/suryoye28.pdf>
3. Cajado ou **morunitho** - A Árvore da Vida e a Serpente na Bíblia - in **Suryoye** nrs. 69 e 70; <http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/jornalsuryoye/suryoye69.pdf> e <http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/jornalsuryoye/suryoye70.pdf>

RITUALÍSTICA

(continuação)

e mais esses complementos que estão logo a seguir-

- Cetro Episcopal. – indica que o prelado (Patriarca, Maferiono, Metropolitana, Bispo) é um líder orientador entre os sacerdotes.
- **morunitho** : além de tudo que foi escrito nos números 69 e 70 de **Suryoye**, no caso do Cajado Episcopal ou *muronitho*, a Igreja de Antioquia ainda considera a simbologia da cobra que Moisés levantou no acampamento dos israelitas quando se evadiram do Egito e desviaram do caminho de Deus; então, o anjo da morte (**a'azarail** em aramaico) começou a levar à morte todos os israelitas através de cobras do deserto que invadiram o acampamento e porque Moisés lhe rogara, Deus se apiadou do povo e orientou que Moisés levantasse no meio do acampamento um cajado de metal em forma de uma serpente e quem à serpente dirigisse o olhar, seria salvo da morte . Observe que “serpente” é masculino, em aramaico e assim o é nesse texto bíblico. A Igreja de Antioquia interpreta essa passagem bíblica (Livro de Números - capítulo 22 – versão PexiTa) como simbologia a Cristo e à Salvação do ser humano por meio da crucificação de Cristo, assim, o cajado episcopal ou *morunitho* tem um significado muito especial para a humanidade.
- **sakro** (ou escudo). – simboliza a defesa da “verdadeira fé” (em aramaico: *triSat xúbêho*) e que o Patriarca é o defensor dessa fé, conforme São Paulo nos ensina na sua Carta dirigida aos efésios, capítulo 6 versículo 16: “e com esses, tomai para vós o escudo da fé, com o qual tereis o poder de apagar todos as flechas inflamadas do mal” (tradução livre da versão PexiTa em aramaico).

(continua no próximo número)

Palavras da Bíblia

E recitai, cada qual para si, salmos, hinos de exaltação e cânticos espirituais. Cantai em vossos corações ao Senhor Deus. Rendei graças, sempre, por conta de todos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo a Deus Pai! Sujeitai-vos uns aos outros no amor de Cristo.

Carta de S. Paulo aos efésios- capítulo 5



**A Páscoa neste ano será comemorada em
1º de maio!**

ܠܠܝܠܬ ܠܠܝܠܬ ܠܠܝܠܬ ܠܠܝܠܬ ܠܠܝܠܬ ܠܠܝܠܬ
ܠܠܝܠܬ

SAIFO - O GENOCÍDIO DOS SIRÍACOS

No número passado, foi apresentado um documento muito importante, pois, mostra claramente que a Igreja Siríaca Ortodoxa de Antioquia posicionou-se como defensora de todas as comunidades Assírias-Caldaicas-Siríacas do Norte da Mesopotâmia, sem olhar os dogmas religiosos e mais, colocou-se a defender em especial uma Igreja dissidente de Antioquia, a Igreja Assíria de Oriente.

As demais comunidades Assírias do Norte da Mesopotâmia, contudo estavam preocupadas em manter um tipo de exclusão, cada uma em relação à outra, no que dizia respeito aos dogmas religiosos e assim, não se chegou a um consenso. Essa divisão religiosa interessava principalmente ao governo da Turquia que a fomentava. Bispo Severius Afrem Barsoum, sob orientação do Patriarca Elias III da Igreja Siríaca Ortodoxa de Antioquia, tentava ultrapassar essa barreira, fazendo diversas gestões junto aos outros representantes, tal como com Capitão A. K. Youssef que representava a Igreja Caldaica e a Igreja Siríaca Católica Romana, apesar de os patriarcas destas duas Igrejas olharem para as conferências entre os aliados vencedores como se elas (as respectivas Igrejas) fossem as únicas que teriam direito sobre a Mesopotâmia.

Enquanto isso, ocorriam diversas conferências nas quais se negociavam os passos a serem seguidos por todas as nações envolvidas. Uma conferência importante foi a Conferência de San Remo, na Itália, que culminou com o Tratado de San Remo, cuja redação final ocorreu em abril de 1920 (a rendição da Alemanha e da Turquia na 1ª Guerra Mundial já ocorrera em 1918). Essa conferência fora importante para o Oriente Médio visto que mudava alguns detalhes dos tratados anteriores e reintroduzia como parte oficial o acordo franco-britânico o qual ocorrera secretamente bem antes do final da própria 1ª Guerra Mundial e que dividia os impérios Alemão e Otomano (turco) a bel prazer dos ingleses e franceses, era o acordo conhecido como Tratado Sykes-Picot, elaborado e assinado em maio de 1916 pelo representante da França, François Georges-Picot e o diplomata da Inglaterra, embaixador Mark Sykes.

Participaram da reunião em San Remo, somente as potências aliadas: França, Grã-Bretanha, Itália, Bélgica e Japão. O embaixador do Japão serviu como fiel da balança entre França e Grã-Bretanha. Os Estados Unidos da América do Norte participaram daquela conferência apenas como observadores.

A Turquia não quis aceitar os termos do tratado ainda assim, o mesmo foi ratificado pela reunião da Liga das Nações (depois conhecida como Organização das Nações Unidas — ONU), em 24 de julho de 1922 e com redação final dada no Tratado de Lausanne (Suíça), em 1923.

Para nós, Siríacos (Assírios), o que interessa é que a França, através de seu Comissário na Síria e Turquia deu uma declaração por escrito, garantindo a região da Mesopotâmia, sob controle da França, para os Assírios (Siríacos). Essa declaração foi entregue a um dos generais assírios que lutara contra a opressão otomana: Cambar dēWarda, conhecido como “Malik Cambar”.

O Comissário da França que assinou a declaração foi um dos generais mais importantes da França durante a 1ª Guerra Mundial, general Henri Gouraud que comandou “as forças unificadas da França e Estados Unidos”, em Champagne que distava 80 km do front ocidental e com seu 4º Exército, decidiu os rumos da Guerra. Reverteu a situação, avançando sobre o exército alemão e finalmente, derrotou-o. Foi famoso por sua célebre ordem de comando aos soldados “*tenir ou mourir*” (fazer frente ou morrer, isto é: resistir ou morrer mas não se entregar). Após o armistício (1918) foi apontado como “supremo comissário da Síria” e depois “Haut-commissaire Du Gouvernement Français au Levant” (supremo comissário do Governo Francês no Levante=em todo o Oriente), entre 1919 e 1923. Reproduzimos a seguir a declaração dada a Malik Cambar em julho de 1920 e a respectiva tradução livre:

Oração pelos mártires cristãos

*Por que ó Mártires, em verdade,
Suportastes as lacerações e aflições
E a morte como sono considerastes?
Ouvimos nosso Salvador dizendo:
“Aquele que perder sua alma por Mim,
No aposento da Luz com ele Me encontrarei !”*

(oração do século VII - Oração da manhã da quinta-feira -

in: **Livro das Orações dos dias comuns da Semana** – Jerusalem. 1936.)

SAIFO - O GENOCÍDIO DOS SIRÍACOS

23

PROMESSE D'AUTONOMIE.

Déclaration du Général GOURAUD
Haut Commissaire Français en Syrie et Cilicie
donnée au Malik Cambar.

HAUT COMMISSARIAT
DE LA
REPUBLIQUE FRANÇAISE
EN
SYRIE ET EN CILICIE.

Beyrouth, le 8 juillet 1920.

Le Congrès de San REMO a confié à la France le mandat sur le pays situés à l'ouest du Tigre et comprenant les villes de DJEZIRET BEN OMAR, OURFA et MARDINE et les territoires plus au Sud.

Cette région comprend une partie des terrains traditionnels des Assyro-Chaldéens.

Au cas où ces derniers manifesteraient l'intention de réintégrer les domaines qu'ils occupaient précédemment, la France se montrerait favorable à leur retour et à leur installation dans ce pays dont elle poursuivra la pacification.

Elle est d'avance disposée à donner aux Assyro-Chaldéens établis dans le territoire sur lequel elle exerce le mandat leur indépendance et les garanties dues aux minorités.

La déclaration ci-dessus du Président du conseil qu'il a formulée à propos de toutes les populations devant participer avec celles de la Syrie proprement dite, à la constitution du territoire du mandat français précise que ces populations peuvent avoir toute confiance dans l'avenir.

Signé: GOURAUD.

SAIFO - O GENOCÍDIO DOS SIRÍACOS

COMPROMISSO DE AUTONOMIA

Declaração do General GOURAUD Alto Comissário Francês na Síria e Cilícia fornecido a Malik Cambar

ALTO COMISSARIADO

DA

REPÚBLICA FRANCESA

Beirute, 8 de julho de 1920

NA

SÍRIA E NA CILÍCIA

O Congresso de San REMO confiou à França o mandato sobre os países situados a oeste do Tigre¹ que compreendem as cidades de DJEZIRET BEN OMAR, URFA e MARDIN² e os territórios mais ao Sul.

Essa região compreende uma parte das terras tradicionais dos Assírio-Caldeus.

Caso esses últimos manifestarem a intenção de reintegrar os domínios que ocupavam anteriormente, a França se mostrará favorável a seu³ retorno e à sua³ instalação nesse país e procurará conseguir a pacificação.

Antecipadamente ela⁴ está disposta a conceder aos Assírio-Caldeus estabelecidos no território sobre o qual ela exerce o mandato, sua³ independência e as garantias devidas às minorias.

A declaração anexa do Presidente do conselho, sobre todas as populações que devem participar com as da Síria propriamente dita, na constituição do território do mandato francês, especifica que essas populações possam ter confiança total no futuro.

Assinado GOURAUD

.....
Observações do Editor:

França, tal como outras potências européias (Grã-Bretanha, Rússia, Alemanha, Império Austro-Húngaro etc) consideravam os siríacos que eram adeptos da Igreja Siríaca de Antioquia como assírios, etnicamente e por isso, nos tratados e acordos colocavam somente: Assírios ou Caldeus.

¹= Rio Tigre

²= correspondem a Gizré, Sanliurfa, Mardin; todas essas "províncias" estão atualmente sob o domínio da Turquia.

³= deles (dos Assírios e Caldeus)

⁴= França.

Referências.:

<http://orientxxi.info/documents/glossaire/conference-de-san-remo,0707> acesso em 21 de dezembro de 2015.

<http://www.firstworldwar.com/bio/gouraud.htm> acesso em 21 de dezembro de 2015.

NOTÍCIAS DA COMUNIDADE

Visita Episcopal – A Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia, em São Paulo, teve o grato prazer e honra de receber a visita episcopal de Sua Eminência Mor Mouris Amsih, Diretor de Mídia e Protocolo do Patriarcado, que ficou entre nós por mais de 50 dias. Mor Mouris Amsih viajou de volta para a Síria em 26 de janeiro de 2016. A entrevista completa, em português, inglês e aramaico, concedida a **Suryoye** encontra-se no nosso site no endereço: www.igrejasiriansantamaria.org.br/social_entrevista_moris.

zel baxlomo ro'io xaríro uamdabrono hakimo.

Em tempo, no número passado, grafamos de forma errada o nome de Sua Eminência Mor Mouris.

1. *Novo Sacerdote* – Foi apontada para a nossa Igreja Santa Maria por Sua Beatitude Moran Mor Ignátios Afram II, Karim, Patriarca da Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia a ordenação de um padre casado que aqui exercerá seu ministério sacerdotal. Como ainda não foram obtidos os documentos legais de viagem, a Diretoria pede aso fiéis que aguardem notícias em breve.

2. *Calendário Religioso de 2016 da Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria* – Reiteramos nosso aviso de que está disponível o Calendário de 2016 com todos os feriados nacionais e festividades da nossa Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia. A Diretoria Executiva solicita a todos que não receberam o calendário, que atualizem seus endereços. Na atualização deverão constar:- nome do responsável, endereço (logradouro, número, complemento), CEP e telefone para confirmação. A atualização deverá ser enviada ao e-mail da Igreja Santa Maria: **igrejasirian@gmail.com**.

Festividades do 2º Bimestre (março-abril)

Destacamos a seguir algumas festividades religiosas que comemoraremos no próximo bimestre.

Em nosso Calendário, são destaque os seguintes eventos:

- Fiéis Finados:- lembramos todos nossos parentes e amigos que eram cristãos fiéis e que partiram deste mundo, pedindo a Deus que os tenha em Seu Paraíso.
- Bodas de Cana:- primeiro milagre de Jesus quando transforma água em vinho.
- Início da Quaresma (inicia na segunda-feira) e é também o dia do Perdão.
- Santos Efrem e Baradeu, mestres maiores da Igreja de Antioquia.
- Anunciação de Nossa Senhora
- Bom Samaritano
- Lázaro ressuscitado por N.S. Jesus Cristo
- Dia de Ramos
- Início da Semana Santa (Noite da Vigília)
- Santa Ceia
- Lava-pés
- Paixão e Morte de Jesus Cristo
- Sábado de Perdão e Conciliação (sábado de aleluia).

Cada uma dessas festividades possui seus cânticos e orações especiais que compõem com outras atitudes toda uma ritualística que deve ser executada na igreja.

പ്രകൃതിയും മനുഷ്യനും തമ്മിലുള്ള ബന്ധം, അത് എങ്ങനെയാണ്

¹ اسمی محنت ۵۰ روپے، اوجھا

وَكُذِّبُوا.

اَوَّلُ وَحَدِّ اَلْمَدِّ اَوَّلُ مَعْدِلٍ.

oou oua oua oua.

اُولَٰئِكَ يَوْمَئِذٍ فِي سَعْدٍ ۝

ما اهل حكمة وسعد.

۱۰۵ : مع الکمال ہے

۱۵۴ حصہ اول مضمون: ۱۵۴۔

وحمده، نعمت للكون

حَدَّثَنَا مُحَمَّدُ بْنُ حَسْبٍ، وَهَيْثُ

۱۹ وَنُمُۥ اٰیٰهٖ

۱۔ مکرّمہ! ہے ا

ՀՀ ԿԵՆՏՐԱԼ ԵՄԵՐՈՒՄԻ ՄԵԼՈՒՆՈՒՄԸ

أَبُ هُصَيْنٌ وَأَبُ مَهْلٍ مُثَلٌّ.

مَنْزِلُهُ مَقَامُهُ مَقَامُهُ مَقَامُهُ

وَحَمْدُهُ لِلَّهِ مُبْدًى سَجْدَةً.

عَبَّاحٌ وَأَمَّا فَتَمَحِّ

وَبِهِدَّ بِجَعَمِهِ مَكْلَبِ.

نُصِيْهِ يُؤْمِرُا مُعْتَدِلٌ

[illegible]

يٰۤاَيُّهَا السَّمْعُ جَعَلْ مُلَا بِاُذُنَا وَجْهًا

PALAVRAS DA BÍBLIA - PROFECIA DE JONAS - CAP. 4

[illegible]

بسم الله الرحمن الرحيم

PALAVRAS DA BÍBLIA - CARTA DE S. PAULO AOS EFÉSIOS - CAP. 5º

مَعْلَكَمْ خَمْرٌ تَجْمَعُهُمْ خَصْرُكُمْ وَأَعْبَابُكُمْ تُدْخِلُكُمْ فِيهَا وَيَوْمَئِذٍ هُمْ فِيهَا خَالِفُونَ
لِخَصْمِهِمْ. هَؤُلَاءِ هُمُ الَّذِينَ يَجْعَلُونَ خَلْفَهُمْ قُلُوبَهُمْ يَخَفُونَ مِنْهُمْ لَعَلَّهُمْ يُكَلِّفُهُمْ
أُجْرًا. هَؤُلَاءِ هُمُ الَّذِينَ يَجْعَلُونَ خَلْفَهُمْ قُلُوبَهُمْ يَخَفُونَ مِنْهُمْ لَعَلَّهُمْ يُكَلِّفُهُمْ

مع انيلا ومنه فمحمده محسا حلا افعتل - يسلا ١٠

සමස්ත සියලුම, මෙම පිටපත්

זו, היותו אמצע בו שבו לדור, ברום חלל, היותו מכלול אדם,
מזו מכלול אדם שבו כלל אדם וכלל חלל :-